

NARRATIVA

Ontem recebi visitas, era sexta-feira, Skye e Zola gostam de fazer happy-hours. Vieram alguns amigos da grande São Paulo e a família que vive ao nosso lado para um jantar, aproveitando que Ottis está viajando com a escola.

Não entendia como era a vida das pessoas que não moravam no mar, por isso estava tão interessado na conversa deles.

Percebia que nossas reuniões eram mais orgânicas, por eu ser redonda, mais aberta, ter uma cúpula que recobre toda a minha dimensão, com o jogo de interno/externo, ter duas aberturas no térreo que levam a esse deck que me envolve.

Esse térreo é a minha área de convivência, é espaçosa e multidisciplinar. Possui uma cozinha e sala e duas aberturas - uma ao norte e a outra ao sul -. A do norte conecta-se com a "calçada", uma interligação de mim com o módulo de vizinhança.

Existe apenas uma parede dividindo esse andar, meu COR, que sustenta a escada e o painel central de usos, comportando todo o enrijecimento da célula e a parede hidráulica. Por fim, ao redor de todo esse ambiente, tenho um móvel único com diversas funções que a me ajudam a ser um lar.

Enquanto Zola ia para o sofá com os convidados Skye estava na bancada de olho na comida terminando os aperitivos. A cozinha e a sala são integradas, então, todos conversavam juntos. Os vizinhos chegaram em seguida, era um trio de amigos que moravam juntos por conta da faculdade, ao invés de sentarem preferiram ficar ajudando Skye, e já acostumados com o ambiente subiram a mesa que fica no chão e começaram a colocar as bebidas ali.

Paulinho adorava visitas, receptivo cumprimentou todos.

Zola deu a ideia de servirem a comida no móvel perimetral se apropriando de suas diversas funções e alturas, assim a mesa não ficaria no meio do caminho e todos ficariam mais à vontade.

Naquela noite, ao todo tinham 7 pessoas e um cão em mim. E sim, todos estavam confortáveis e aproveitando a noite, estava bonita.

Skye preparava um robalo com legumes, o peixe vinha do viveiro e os legumes da horta central, todos os módulos possuem a horta e o viveiro que funcionam em um sistema de comunidade e reúso. a água usada para regar é do tratamento das águas de todas as cápsulas (também é usada em outras funções, mas a principal é para horta) além disso, nessa mesma área central fica o sistema de reciclagem dos rejeitos plásticos por meios de fungos e larvas que os decompõe. Não existe "lixo", pois nada é jogado "fora", são apenas resíduos que passam a ser utilizados de outras maneiras.

É inverno, os aquecedores estão ligados e são energizados pelas placas solares fixadas em minha casca que forneciam energia para toda a cápsula.

Abriram um vinho, pegaram taças e aperitivos e foram para o sofá - ele é rebaixado no piso, conformando um móvel muito confortável - todos ali sentados, conversaram e riram bastante.

Paulinho ficou entre eles, roubando um pouco de comida quando ninguém via, sendo acariciado por Guegue, o vizinho.

Os amigos de São Paulo, curiosos perguntaram como havia sido o verão no mar, já que segundo o noticiário, foi um verão muito chuvoso. Enquanto elas contavam sobre como havia sido o verão, veio a memória da tempestade do início de 2100.

Era uma quarta-feira, Zola acordou preocupada e ouviu bem baixinho, com um tom de desespero: vejo uma tempestade a caminho.

Mesmo assim tentou se acalmar durante a prática de alguma atividade física e quando estava quase terminando Skye acordou, tranquilamente.

Skye estava calma e despreocupada, acordou bem, subiu a escada e foi até Zola. Percebendo o semblante de preocupação, perguntou:

- Querida, vejo o seu semblante de angústia, aconteceu algo?
- Fique tranquila, meu amor. É só uma chuva. - Zola não queria alarmar a esposa.

Cada uma com uma xícara de chá nas mãos foram para a sala, Skye deitou na parte em que o longo sofá que se transformava em uma espreguiçadeira, enquanto Zola se sentou em um espaço que não dava para dizer se era interno ou externo.

Zola estava incomodada, deixou a esposa no térreo e foi para a sala de leitura no andar submerso, lá ela se sentia calma, talvez pelo conforto do ambiente redondo ou por poder ver o mar estando dentro dele. Lá ela ouviu a risada do Ottis quando Paulinho o acordou com uma lambida.

O menino ao se levantar, foi para o térreo dar bom dia para cada uma das mães e sentou-se na parte do móvel que vira bancada, queria tomar o café da manhã.

Enquanto isso, Paulinho foi fazer suas necessidades - Acho engraçado, ele sempre faz xixi nos meus pisos- logo depois entrou debaixo da mesa, ele pressentiu a tempestade.

Naquela dia Ottis ia para a escola, então assim que terminou o café ele desceu para tomar tomar banho.

- quando lembro dessa cena fico tão triste. Ottis vai de bicicleta aquática para a escola e naquele dia não foi diferente. Fui tão irresponsável. Eu não sabia que a tempestade estava vindo, devia ter entendido os sinais de Paulinho e tentado proteger todos.

Skye e Zola - ainda preocupada- foram para o trabalho também.

Antes de sair, checaram o aplicativo da cidade, que nada avisou. Acionaram o fechamento dos brises pelo seus relógios, fecharam a célula e caminharam pela conexão rumo ao atracadouro.

- Eu faço parte de algo muito maior, sou uma cápsula dentro de um módulo, espécie de célula habitacional. Na minha parte de baixo existe uma espécie de tentáculos que auxiliam a minha flutuação e conexão com os outros elementos da cidade, todos nós temos tentáculos que se conectam e nos ajudam a nos manter unidos. Estou localizado no módulo 5, constituía de uma grande passarela circular ligando todas as cápsulas formando esse núcleo, junto com uma célula especial no centro. Além disso cada módulo possui um atracadouro onde todos os barcos ficam, podemos ser conectados por essas passarelas mas o principal meio de mobilidade é pelo mar.

Pegaram seu barco. Era dia de rodízio e elas deram carona aos vizinhos. E observaram que o mar aparentava estar mais cheio. Isso foi um despertar para Zola, que logo pensou “será que a maré estava alta ou o nível do mar já subiu mais um pouco?”.

Observei todos os humanos saírem, ficamos apenas eu e Paulinho. Foi aí que as coisas começaram a mudar.

A partir de algum momento durante o fim da manhã o mar começou a ficar agitado, uma nuvem imensa pairou sobre a aquática e terrestre Santos, foram 4 horas de chuvas intensas, com fortes ventos, trovões e raios.

Fiz o meu máximo para proteger Paulinho que estava com muito medo. Com o mar extremamente revoltado, meus tentáculos se soltaram das outras estruturas para focar apenas em minha flutuação, como não fui eu que dei o comando, assumi que foram os meus donos, através do aplicativo. Mas percebi que a situação estava se complicando e achei melhor afundar e ancorar os meus tentáculos no fundo do mar. Fechei a minha epiderme - a camada de proteção e que estrutura os painéis solares - e antes que as ondas ficassem grandes demais, submergi.

Aos poucos fui descendo, não muito fundo, o mar ali estava mais calmo e estava bem mais fácil me manter estável, me fixei no substrato e vi que os vizinhos faziam o mesmo movimento. Procurei dentro de mim e percebi que Paulinho estava seguro, todos os móveis e mobílias também pois todos eram fixados, nada dentro de mim se move, a não ser cão que precisava de oxigênio - cada célula tem uma quantidade para 48h.

- Quando fui pensada, nas primeiras décadas de 2000, estava em discussão a elevação do nível do mar, pois nas épocas de chuva as o mar invadia a cidade, as construções em terra firme eram alagadas e como consequência várias famílias foram desabrigadas. No ano de 2020, eu e meus irmãos fomos projetados e preparados para a intempéries do clima.

Naquele dia eu tive muito medo, mas também tive orgulho. As tempestades viraram algo frequente, mas aquela foi atípica e inesperada. Foi tão intensa, que vi alguns barcos à deriva, acho que parte do atracadouro se rompeu. O que foi planejado, já que aqui é assim: para não gerar danos maiores à cidade, preferimos dos desgrudar, soltamos nossos tentáculos e, pelos nossos gps nos localizamos e nos juntamos de novo.

Enquanto a cidade marítima se protegia dessa maneira, a chuva atingiu a cidade provocando os danos maiores na parte terrestre. O nível do mar aumentou muito, extrapolando o limite costumeiro de 2 metros e alagou a cidade mais uma vez, muitas pessoas sofreram naquele dia.

Na cidade aquática, por orientação do superintendente, ninguém voltou para suas casas até que fosse seguro navegar novamente. Por isso dormimos apenas eu e Paulinho.

Fiquei muito preocupada, Zola, Skye e Ottis não estavam em casa e poderiam ter sofrido com a tempestade.

Na manhã do dia seguinte, quando emergi já estava seguro para todos voltarem para casa, com o barco dos bombeiros.

A defesa civil calculou os danos da tempestade, na cidade aquática estava dentro nos parâmetros enquanto a da terra ainda estava submersa e necessitava de muita ajuda. Aqui apenas tiveram que recuperar o atracadouro, trazendo-o de volta de maneira que seus tentáculos se re-fixaram ao restante e seguindo o gps recuperaram todos os barcos perdidos.

Com poucos minutos de diferença, após a chegada de Ottis, Zola e Skye, o barco de resgate trouxe a bicicleta da família de volta e a colocou no dispositivo.

Foi um alívio a todos ao entrarem na casa e verem que Paulinho e eu estávamos bem e que as minhas conexões já estavam presentes novamente.

No jantar de ontem não quiseram contar sobre essa tempestade, pois para os que não vivem no mar pode parecer algo horrível imaginar a força da água nas construções que nela vivem.

O jantar foi até as 2:00 da manhã de hoje. todos foram para suas respectivas casas. Zola e Skye guardaram as coisas, arrumaram a sala. Pelo aplicativo fecharam a célula.

E foram para o andar submerso, desceram a escada. Zola entrou no banheiro e Skye foi para o escritório esperar Zola sair.

Após ambas terem saído do banheiro, foram para o quarto, e estão dormindo até agora.